HOMENAGEM À CATALUNHA:

Orwell e a produção de memória sobre a Guerra Civil Espanhola (1936-1939)

Carolina da Purificação Costa[1]

Resumo: A Revolução Espanhola foi retratada de diversas formas desde 1936, matéria prima para literatura, música, cinema, pintura, fomentou debates intensos dentro da historiografia, e se tornou exemplo histórico para as lutas sociais defensoras da transformação social e do fim da exploração capitalista. Nesse contexto de produção de memórias e sentidos sobre o conflito espanhol, o presente texto busca refletir sobre o posicionamento do escritor George Orwell, através de seu texto *Homenagem à Catalunha* (1938), entendendo-o como uma alternativa consciente de disputar a memória histórica do fato ao fazer oposição aos discursos reducionistas que consideravam o conflito como uma luta exclusiva contra o fascismo, omitindo sua diversidade ideológica e as diferentes motivações dos grupos sociais em luta.

Palavras-chave: Guerra Civil Espanhola; George Orwell; História, memória e literatura.

A Revolução Espanhola foi retratada de diversas formas desde 1936, matéria prima para literatura, música, cinema, pintura, fomentou debates intensos dentro da historiografia, e se tornou exemplo histórico para as lutas sociais defensoras da transformação social e do fim da exploração capitalista. Nesse contexto de produção de memórias e sentidos sobre o conflito espanhol, que o presente texto busca refletir sobre o posicionamento do escritor George Orwell, através de seu texto *Homenagem à Catalunha* (1938), entendendo-a como uma alternativa consciente de disputar a memória histórica do fato ao fazer oposição à mídia inglesa do período que o reduzia a simplesmente uma luta contra o fascismo.

A Guerra Civil Espanhola, segundo Jorge Nóvoa ao citar Pierre Broué, não pode ser considerada a centelha de um incêndio que se espalhava pela Europa, mas uma chama que ainda teimava em queimar, a última revolução do entreguerras[2]. Para tanto, é preciso perceber que o processo revolucionário construído na Espanha antecede o ano de 1936. O espírito de transformação se inicia na Espanha já no século XIX, mesmo sem essa ter realizado seu processo de unificação; nos anos 30 do século XX, essa identidade nacional ainda não está forjada, mas os diferentes sujeitos espanhóis se articulam através de outros aspectos e princípios, capazes de abarcar um grande grupo de estrangeiros na luta.

Em 1931, institui-se a República espanhola, mas essa ainda ligada às classes dominantes, busca realizar modificações modernizantes na Espanha, sem que haja uma

mudança na equivalência de poderes. No entanto, isso não significa a ausência de manifestações populares no campo e na cidade no período de 1931-33, expressadas através de ocupações de grandes latifúndios e embates com a Guarda Civil. A população continuou tencionando por direitos mesmo após a vitória da direita representada por José Maria Gil Robles em 1933, como aponta o historiador E. Mompó ao escrever sobre a participação popular na revolução espanhola, o Outubro Asturiano (1934) e o período compreendido entre o triunfo eleitoral da Frente Popular e o início da Guerra Civil (de fevereiro a julho de 1936), são os momentos pré-revolucionários de maior embate e luta antes da guerra[3]. A formação da Frente Popular conseguiu aglutinar em 1936 grupos ideológicos diversos, como comunistas, socialistas e anarquistas, com o intuito de ganhar as eleições republicanas, sendo que para os últimos as eleições longe de representarem sua adesão a uma organização estatal, eram compreendidas como estratégia para a libertação de centenas de anarquistas presos durante as sublevações de 1934.

A grande diversidade ideológica presente não só nos grupos de esquerda, mas também de direita espanhóis, refletiu nas variadas divergências sobre o futuro da república durante a guerra. Alguns grupos defendiam a revolução social na Espanha, culminando na destruição do Estado, outros acreditavam que o conflito só deveria durar o suficiente para a implantação de uma república democrática e uma modernização ordenada do país sem riscos à propriedade privada, proposta defendida inclusive pelo Komintern. Tais posicionamentos propiciaram situações em que grupos, que antes lutavam na mesma linha de frente, tivessem que se identificar como inimigos alguns meses depois.

Além de ser um conflito claramente espanhol, regionalizado, e motivado pelas necessidades do povo espanhol, a Guerra Civil Espanhola consegue se internacionalizar e angariar voluntários estrangeiros em suas linhas de frente, além de produzir uma grande propaganda mundial de solidariedade, ainda que limitada sob certos aspectos. Apesar das Brigadas Internacionais fazerem parte de uma estratégia política soviética, o fato é que cerca de 35.000 voluntários de 59 países chegaram à Espanha, mesmo não sendo comunistas, e não necessariamente se alistando às Brigadas. Os voluntários estrangeiros eram compostos não somente por artistas e intelectuais, um percentual pequeno dentro dos milhares participantes, mas principalmente por trabalhadores braçais que largaram seus empregos ou já se encontravam desempregados.

O alcance do conflito, mais especificamente dentro de uma variedade de intelectuais como escritores, produziu uma gama de materiais de reflexão e memória sobre o fato com destaque para Salvador Dalí e Pablo Picasso na pintura; Mikhail Koltsov e Luis Buñuel no cinema; Robert Capa e Gerda Taro na fotografia; e Ernest Hemingway, Pablo Neruda, Andre Malraux, entre outros na literatura. O sentido internacional da luta e a adesão de reconhecidos intelectuais produziu uma propaganda sobre a Guerra Civil fora da Espanha, uma propaganda produzida por estrangeiros para estrangeiros, e mais a fundo por intelectuais para intelectuais; contexto do qual a obra de Orwell não escapa.

Orwell e a luta espanhola

Em 1937, Orwell seguiu para a Espanha, em plena guerra civil, com cartas cedidas pelo ILP (*Independent Labour Party*), já que o partido comunista inglês, através da figura de Harry Pollit, havia negado as credenciais, segundo Ronald Polito, devido ao alcance das críticas de *O caminho para Wigan* (1937)[4]. Para Polito, a estadia de Orwell na Espanha, durante a Guerra Civil, é um marco divisório em suas considerações sobre o socialismo. A partir desse momento, a decisão de Orwell de se afastar da classe social da qual fazia parte[5] para se tornar um militante de esquerda torna-se mais clara e consistente.

Ao chegar a Barcelona, imediatamente Orwell se alistou na milícia do POUM (Partido Obrero de Unificación Marxista) devido às suas credenciais, onde passa alguns dias no quartel Lênin a esperar sua instrução. A impressão deixada por esse momento no escritor foi a de um encontro com um espaço extremamente igualitário, a Espanha que encontrou inspirava liberdade e igualdade social, um lugar onde as pessoas tentavam se comportar como seres humanos, resistindo à coisificação capitalista de homens e mulheres. A reprodução dos princípios revolucionários era expressa inclusive no tratamento entre as pessoas, exemplo demonstrado na figura do tenente responsável pela sua instrução, que anteriormente havia sido um oficial do Exército Regular:

> "o curioso é que era um socialista sincero e ardoroso. Até mais do que os próprios soldados, ele insistia em uma igualdade total entre todas as patentes. Lembro-me de sua expressão de magoada surpresa, quando um recruta incauto se dirigiu a ele tratando-o por "Señor":
>
> - O quê! Señor? Quem está me chamando de Señor?
>
> Então não somos todos camaradas?"[6].

Enviados depois para as trincheiras de Saragoça, o relato de Orwell, exposto em seu *Homenagem à Catalunha* (1938), revela uma forte desorganização militar e um certo marasmo presente nessa localidade devido aos poucos embates armados durante sua presença. Mesmo assim, o clima era de guerra, e nas trincheiras havia o medo da chegada do inimigo e do alcance de sua arma, tensão descrita profundamente no livro.

Em alguns dos poucos conflitos que participou durante sua permanência na Espanha, Orwell foi ferido na altura do pescoço sem grandes implicações físicas, somente um rompimento das cordas vocais.

Retorna a Barcelona meses depois, quando encontra sua esposa, e são nesses meses que ele reflete sobre o malefício das inúmeras siglas e tentativas dos vários grupos políticos de assumir alguma espécie de liderança da revolução. Para Orwell as diferenças ideológicas deveriam ser postas de lado, pois havia uma guerra para se vencer. No entanto, no andamento do conflito, o Partido Comunista Espanhol seguindo as diretrizes de Stalin defendeu a reestruturação do Estado republicano, colocando-se contra a maior parte das milícias revolucionárias. Isso foi o suficiente para Orwell perceber uma transformação do conflito espanhol, que resultou numa luta entre revolucionários e contra-revolucionários, "entre os trabalhadores, que estão tentando em vão segurar um pouco do que ganharam em 1936, e o bloco dos comunistas liberais, que estão tirando isso deles com sucesso"[7]. Aqueles que assumissem um posicionamento contra a influência do comunismo soviético na revolução, logo, foram chamados de traidores, fascistas e trotskistas.

O POUM, no qual Orwell se encontrava alistado, fazia uma série de críticas e denúncias relacionadas ao governo soviético. Essa oposição a Stalin levará o POUM a ser considerado um partido ilegal em 1938, o que gerou a perseguição de seus membros, inclusive Orwell, mesmo este não sendo membro de fato. A postura do PCE de perseguição e repressão dos revolucionários espanhóis e os rumos trágicos da revolução marcaram profundamente a percepção de Orwell sobre o stalinismo e o que chamavam de socialismo soviético.

Homenagem à Catalunha é uma narrativa que mescla elementos literários, jornalísticos e autobiográficos. Nele, há uma preocupação não só em relatar os acontecimentos, mas fazer uma reflexão sobre eles, como no caso das considerações de

Orwell sobre trabalho da imprensa tanto de esquerda quanto de direita em relação ao conflito, considerações que se tornaram mais forte em outros escritos como o Entregando o jogo espanhol (1937).

A questão da Guerra Civil Espanhola sempre foi retomada por Orwell, o que evidencia sua busca em não amenizar a dimensão do conflito e sua resolução em divulgar um relato mais fiel possível desse. Mesmo em escritos cujos objetivos são outras análises, é possível perceber Orwell sempre voltando a este acontecimento, como no ensaio *Dentro da baleia* (1940), quando rapidamente diferencia a literatura produzida sobre a Primeira Guerra Mundial e a Guerra Civil Espanhola; para ele o primeiro conflito foi descrito por participantes mais próximos como soldados comuns ou oficiais subalternos, enquanto o segundo, por "partidários dogmáticos" despreocupados com a amplitude e o decorrer do conflito, em nome de uma concepção política.

Orwell percebia a necessidade de divulgar sua experiência; seu contato com a imprensa internacional, mas principalmente a inglesa, o fez perceber o reducionismo em torno do conflito a uma briga contra o fascismo e a representação de anarquistas e poumistas como contra-revolucionários, para Orwell, em poucas palavras, uma amálgama de mentiras. O tempo que passou na Espanha lhe permitiu olhar para a Guerra Civil Espanhola não simplesmente como uma luta exclusiva contra o fascismo, ele a percebia como luta política e também social, dentro de uma rede de relações de poder muito mais complexas do que se dava a entender fora da Espanha. O autor buscava ter uma leitura classista do conflito; quando, por exemplo, analisou a formação do exército miliciano, onde a hierarquia tradicional era questionada, Orwell acreditava que somente a consciência de classe unia os sujeitos que dele participava; diferente da disciplina burguesa conseguida através do medo, "a disciplina "revolucionária" depende da consciência política – de um entendimento a respeito do porquê das ordens deverem ser obedecidas"[8]. Entendimento não só realizado pelo alcance de uma realidade futura melhor, mas que também justificava todo sangue derramado, os dias de frio e pobreza no front, e o assombro constante do espectro inimigo.

Os conflitos ideológicos que enfraqueceram a organização revolucionária, a política cretina de não-intervenção dos países que se diziam contra o fascismo, e o colaboracionismo de Stalin, durante o processo revolucionário espanhol, marcaram profundamente Orwell, modificando sua escrita literária e seus alvos de denúncia; mas também a atmosfera que

encontrou, a camaradagem entre os membros das milícias, ver de perto a coletivização dos espaços, marcou-o na mesma proporção. Nas palavras de Bonalume Neto,

> "o período de tempo no qual este acreditou na revolução, em 36, foi forte demais para ser apagado. A sensação de fraternidade era genuína; numa carta citada para seu amigo Cyril Connolly, ele confessa que viu "coisas maravilhosas, e enfim realmente acredito no socialismo, o que nunca fiz antes" "[9].

E consciente de seu texto como relato de uma experiência, portanto, parcial e seletivo, Orwell avisa:

> "Caso eu não tenha dito isso em alguma parte antes neste livro, direi agora: cuidado com meu partidarismo, meus enganos sobre os fatos e a distorção inevitável causada por ter visto apenas uma parte dos acontecimentos. E tenha cuidado exatamente com essas mesmas coisas quando ler qualquer outro livro sobre esse período da guerra espanhola" [10].

---

[1] Carolina da Purificação Costa, mestranda do Programa de Mestrado em História da Universidade Estadual de Feira de Santana; email: phistcarolina@gmail.com.

[2] NÓVOA, Jorge. **A Espanha incandescente**. Disponível em: http://www.oolhodahistoria.ufba.br/02novoa.html Acesso: 01/10/2010.

[3] MOMPÓ, Enrique. **A espontaneidade na revolução espanhola**. Disponível em: http://www.oolhodahistoria.ufba.br/02mompo.html Acesso em: 03/10/2010.

[4] POLITO, Ronald. Apresentação. In: ORWELL, George. **Lutando na Espanha**: homenagem à Catalunha, recordando a guerra civil espanhola e outros escritos. São Paulo: Globo, 2006, p. 10.

[5] Orwell chamava-a de "baixa classe média alta", definição que objetivava caracterizar uma parte da sociedade inglesa que antes vivia um período de prosperidade, mas que, principalmente, no início do século XX, passava por um momento de decadência social, amenizada pela tentativa de incorporação em cargos militares nas colônias inglesas.

[6] ORWELL, George. **Lutando na Espanha**: homenagem à Catalunha, recordando a guerra civil espanhola e outros escritos. São Paulo: Globo, 2006, p. 33.

[7] Id., Ibid., p. 300.

[8] Id. Ibid., p. 52-3.

[9] BONALUME NETO, Ricardo. **George Orwell**. Série Encanto Radical. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 56-7.

[10] ORWELL, GEORGE. Op. Cit., p. 202.